Memórias e escrita de si nas pajadas de um soldado: o combate a Coluna Paulista no oeste paranaense (1924-1925) *

Memorias y escritura de sí mismo en las pajadas de un soldado: el combate a la Columna Paulista en el oeste paranaense (1924-1925)

Caroline Tecchio**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná &
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Resumo

Em 1924 o Levante Paulista e a Coluna Paulista impactaram a política brasileira. Os conflitos armados entre militares se estendeu até 1925, e o desfecho foi a formação da Coluna Miguel Costa-Prestes que durou até 1927. Com o objetivo de colaborar nos estudos sobre essa temática, esse artigo trabalha com as memórias de um soldado legalista que participou do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense. Suas experiências militares narradas em forma de pajadas, versos típicos da cultura gaúcha, foram registradas no Caderno de Anotações de outro soldado raso: Ernesto Baptista Tecchio. O guardião e interlocutor dessa memória não revelou a autoria dos versos, e por isso chamaremos o pajador de soldado desconhecido. Além de ser uma fonte inédita e excepcional, a escrita de si presente nos versos revela as impressões de um soldado raso diante dos conflitos armados entre legalistas e tenentistas. Testemunho privilegiado desses embates, olhar para a narrativa presente na fonte cria uma interessante articulação entre memória, escrita de si e as percepções do soldado que lutou contra os tenentes.

Palavras-chave: Memória, Escrita de si, Levante Paulista.

Resumen

En 1924 el Levante Paulista y la Columna Paulista impactaron la política brasileña. Los enfrentamientos armados entre militares se extendieron hasta 1925, y el desenlace fue la formación de la Columna Miguel Costa-Prestes que perduró hasta 1927. Con el objetivo de colaborar con los estudios de la temática, ese artículo trabaja con las memorias de un soldado legalista que participó del combate a la Columna Paulista en el oeste paranaense. Sus experiencias militares contadas en forma de pajadas, versos típicos de la cultura gaúcha, fueron registradas en el Cuaderno de Anotaciones de otro soldado: Ernesto Baptista Tecchio. El guardián y interlocutor de esa memoria no reveló la autoría de los versos, y por eso llamaremos al pajador de soldado desconocido. Además de ser una fuente inédita y rara, la escritura de sí mismo presente en los versos desvela las huellas de un soldado raso delante de los conflictos armados entre legalistas y tenentistas. Testimonio privilegiado de esos enfrentamientos, mirar hacia la narrativa presente en la fuente crea una interesante articulación entre memoria, escritura de sí mismo y las percepciones del soldado que luchó en contra los tenientes.

Palabras-llave: Memoria, Escritura de sí mismo, Levante Paulista..

● **Enviado em: 17/02/2020**
● **Aprovado em: 09/03/2020**

* Este artigo deriva em parte da pesquisa realizada pela autora no mestrado, intitulada "Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925) ", sob a orientação da Profª. Drª. Doutora Márcia Janete Espig, na Universidade Federal de Pelotas. Para consultar a pesquisa completa, ver: TECCHIO, Caroline. Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925). Pelotas, 2012, 123 f. *Dissertação* (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas.

** Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas, doutoranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professora colaboradora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Tendo em mãos um Caderno de Anotações escrito por um soldado em 1928, ocorreu-me a viabilidade de estudar as memórias entrelaçadas pelo documento, especialmente a parte que contém as vivências de um soldado legalista que combateu a Coluna Paulista no oeste paranaense entre 1924 e 1925. O trabalho do historiador só é possível quando permanecem registros da leitura que o homem faz de seu mundo, deixando marcas de suas experiências, pensamentos, ações, culturas. Dentre as formas de imprimir no tempo essas marcas, um documento pessoal certamente consiste em uma fonte privilegiada para pensar a memória e a escrita de si.

No Caderno de Anotações, fonte principal desse estudo, as memórias do soldado partícipe de um dos mais interessantes episódios da história militar brasileira se relaciona com as memórias de outro soldado, aquele que registrou e preservou o Caderno. A memória resignificada, guardada por outro soldado, tem como característica a presença de pelo menos duas temporalidades: uma a do soldado que testemunhou os fatos narrados, reelaborando em versos suas apreensões, outra da ação do soldado que conservou as pajadas[1], que são da linguagem oral, em forma escrita. Produzir versos, anotar a criação de outrem e guardar um caderno são ações que exemplificam a dinâmica complexa da memória. Os processos de seleção efetivados por diferentes atores que interagiram com a fonte conceberam que o testemunho do soldado desconhecido, parte principal dessa análise, sobrevivessem a ação do tempo.

As fontes desse trabalho são o Caderno de Anotações e a Carteira Militar do soldado Ernesto Baptista Tecchio[2]. Nas pajadas são descritos alguns dos dias em que o Exército brasileiro se dividiu, parte defendendo a legalidade, parte a substituição do governo. O Segundo 5 de julho, Levante Paulista ou Revolução Brasileira de 1924 compõem as Revoltas Tenentistas e desencadeou a formação da Coluna Paulista, contra a qual lutou o soldado desconhecido. Posteriormente, a junção dessa coluna com as tropas do Rio Grande do Sul conduzidas por Luís Carlos Prestes originou a Coluna Miguel Costa-Prestes. Sobre legalistas e revolucionários, ambos os grupos afirmavam lutar pela nação, tal qual lhes recomendava a

1 Pajadas são poesias da tradição gaúcha e em geral são utilizadas para expressar opinião, a região do pampa rio-grandense, uruguaio e argentino é o local onde se concentra a tradição de se fazer pajadas. A forma de escrita escolhida pelo narrador apresenta características de sua cultura e demonstra a intencionalidade de marcar o lugar de onde se está falando. Assim, antes mesmo de se auto-identificar como gaúcho do pampa, a análise da escrita permite associar o sujeito a uma característica cultural de determinada região.

2 A autora do texto é neta de Ernesto Baptista Tecchio. O Caderno de Anotações foi guardado como recordação de Ernesto, falecido em 1961. O documento pertence ao acervo da família e foi produzido quando Ernesto serviu ao Exército em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no ano de 1928, quando teve contato com o pajador que havia servido em Alegrete, RS, em 1924.

sentença que encontravam na primeira página de suas carteiras militares dos anos de 1920: "O Brasil espera que cada um cumpra seu dever"[3]. Os estudos sobre as diferentes perspectivas da defesa da nação durante as Revoltas Tenentistas comumente partem de interpretações de documentos de oficiais do Exército, da Força Pública ou de líderes tenentistas que se destacaram nos enfretamentos e na articulação do movimento. O acesso a memórias de soldados é limitado, afinal não eram eles que publicavam livros ou enviavam cartas a jornais, tal como fizeram alguns dos líderes tenentistas os legalistas, como fizeram líderes do movimento ou comandantes legalistas[4]. O acesso a essa fonte, portanto, permite estudar as impressões de um soldado raso diante do campo de batalhas.

Ernesto e o pajador: dois soldados e suas escritas de si

Em suas pajadas, o soldado desconhecido narra sua trajetória no período compreendido entre setembro de 1924 e maio de 1925, quando o grupo de militares do qual fazia parte foi chamado para reforçar as tropas legalistas que combatia os tenentistas, seguindo de Alegrete , RS, até o oeste paranaense, onde se encontravam os revoltosos. Seus versos encerram anunciando o retorno ao Rio Grande do Sul[5]. Com a saída das tropas tenentistas de São Paulo após o Levante Paulista, a nova estratégia adotada foi a formação da Coluna Paulista, liderada por Miguel Costa[6], e o pajador esteve em combate a essa coluna. Vários acontecimentos foram registrados, tendo como cenário as experiências em deixar o Rio Grande do Sul e chegar ao "sertão" paranaense, bem como a descrição das batalhas contra os tenentes e as opiniões que formulava frente àqueles eventos.

O Caderno de Anotações de Ernesto é composto por três partes. Na primeira, copiou informações fornecidas pelo Exército referentes às normas de comportamento e códigos de

3 Carteira Militar de Ernesto Baptista Tecchio, p.01. Assim como o Caderno de Anotações, a Carteira Militar também pertence ao acervo da família.

4 A exemplo, segue a referência de memórias escritas por tenentes revolucionários João Cabanas e Lourenço Moreira Lima e pelo ministro da guerra do governo de Arthur Bernardes Setembrino de Carvalho. CABANAS, João. *A Coluna da Morte.* Rio de Janeiro: s.n. 1927; CARVALHO, Fernando Setembrino de. *Memórias:* dados para a História do Brasil. Rio de Janeiro. [s.n.]. 1950; MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes* – marchas e combates. 3ª ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1979.

5 Depois de um breve exílio, a Coluna Miguel Costa Prestes retornou ao Brasil e esteve em constante movimento até 1927.

6 Miguel Alberto Crispim da Costa Rodrigues nasceu na Argentina em 1874. Era major do Regimento de Cavalaria da Força Pública de São Paulo e, assim como Cabanas, vivenciou a militarização da Força Pública nos anos 1920. Ajudou na organização do Levante Paulista de 1924, foi um dos principais líderes políticos do movimento tenentista, atuando na Coluna Paulista e na Coluna Miguel Costa-Prestes, quando foi promovido, dentro do movimento, a coronel. Essas informações constam em ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br.>. Acesso em: 10/05/2019.

comando de guerra. Na segunda parte estão as pajadas, que ocupam um espaço significativo no Caderno. Na terceira e última parte há canções, algumas mostram em seu conteúdo a exaltação à pátria, outras são canções populares. A rotina de Ernesto ao servir o Exército permitiu que, além dos estudos vinculados a sua condição de soldado, houve espaço para a cultura. Entre as canções militares e sertanejas, está a música "Tristeza do Jeca"[7], composta por Angelino de Oliveira e que teve sua primeira gravação em 1924. Diferente das instruções militares aprendidas no Exército e copiadas para seus estudos, as pajadas e as canções passaram pelo crivo da memória de Ernesto, constituindo indícios de suas opiniões, seu gosto literário e musical. Enquanto aspecto da escrita de si, Ernesto se revelou um apreciador das palavras e das expressões culturais de seu tempo.

Nas pajadas, o eixo central da narrativa do soldado desconhecido é a descrição de suas vivências militares. As dificuldades encontradas no caminho, breves descrições dos locais onde passavam, as batalhas e eventos ligados ao seu cotidiano são os principais temas abordados. Posto isso, o teor das pajadas e o trabalho da memória de Ernesto instiga a pensar a fonte na perspectiva da escrita de si, que enquanto prática não é uma invenção contemporânea, mas nas últimas décadas ganha visibilidade em pesquisas acadêmicas no Brasil e no mundo[8]. Os documentos antes desprezados por serem carregados de subjetividade, atualmente conquistam espaço justamente pela valorização da expressão de si. Não se trata de buscar em um relato pessoal a verdade, e sim analisar as representações advindas de uma elaboração introspectiva produzida em determinado tempo histórico. Ao trabalhar com o conceito de representação, Roger Chartier adverte que é preciso relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza, assertiva que corrobora na análise aqui proposta. Nas palavras do autor,

> "As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza"[9].

A afirmação acima pode ser empregada com dois sentidos. Primeiro, a autoria do discurso proferido nas pajadas pertence ao soldado desconhecido, uma vez que a carteira militar de Ernesto atesta que serviu entre 1927 e 1928, período posterior ao combate à

---

7 Para uma análise mais detalhada da música "Tristeza do Jeca" de Angelino de Oliveira ver CRUZ, Celso Donizete. Tristeza do Jeca, canto do caipira. Casa. Vol. 06, n. 01, julho de 1998. Disponível em http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/912. Acesso em 2 de fevereiro de 2020.

8 GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004, p. 8.

9 CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

Coluna Paulista. No entanto, ao materializar as pajadas, o discurso do pajador foi escolhido para compor suas memórias. O ato de guardar, misturando a fonte em questão com seus documentos e registros pessoais tem um significado. O acesso às pajadas e a ação de guardá-las indica sua proximidade com seu autor e a provável simpatia pelos elementos culturais e ideais contidos nos versos. Além da possível busca de Ernesto, que era filho de imigrantes italianos, em apropriar-se da cultura gaúcha, há também a admiração estética às pajadas, o que ajuda a explicar o interesse em copiá-las em seu Caderno. Outro sentido para a afirmativa de Chartier que vai de encontro a esse estudo problematiza o soldado desconhecido. Sem dúvidas o discurso proferido tem relação com sua condição de soldado e gaúcho do pampa. Seu olhar sobre àquele contexto e as críticas que fez a seus superiores reforça o vínculo entre seu discurso e o lugar que ele ocupa como soldado raso.

A defesa da pátria e a honra do Rio Grande do Sul são evocadas como um elemento coletivo. Ao criticar a hierarquia militar e valorizar a função dos soldados legalistas, o pajador está falando por seus colegas de farda. Além da condição semelhante em que os soldados estavam inseridos, há a pertença à região do pampa rio-grandense e a formação recebida no Exército que podem explicar essa interação entre as apreensões de um indivíduo e aspectos comuns ao seu grupo. Em relação aos documentos pessoais, a intencionalidade do texto revela que o autor pretendia deixar registrado a seu respeito, fazendo da opinião exposta a própria expressão de si. É preciso considerar quem é o sujeito histórico que está escrevendo e de que lugar ele fala, para então entender a construção de sua narrativa. No caso em estudo essa análise segue referente tanto à Ernesto quanto ao soldado desconhecido, dois homens que partilharam as pajadas para deixar as marcas de si no tempo. O autor se auto-intitulava soldado raso, o que sugere a intenção de aproximação com os demais componentes de sua tropa que viviam em condições semelhantes. Ernesto cooptou o discurso do pajador ao inserir os versos em seu Caderno. Seja por afinidade política os senso estético, o certo é que houve identificação. O vínculo que esses sujeitos históricos estabeleceram está centrado no relato de um soldado raso guardado por outro soldado que também não atingiu patente. Os dois, em diferentes posições e circunstâncias, elaboraram discursos sobre si e guardaram resquícios de sua forma de ler o mundo. Philippe Artières ressalta que "[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo o indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício"[10]. Dois

[10] ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n 21, 1998, p. 28. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pd f Acesso em 2de fevereiro do 2020.

homens comuns, num jogo complexo de interação entre suas memórias, arquivam suas vidas. Isso foi possível pela cultura na qual o pajador estava inserido e o fato de Ernesto saber ler e escrever. Ângela de Castro Gomes explica que a sociedade moderna ofereceu instrumentos que permitem ao indivíduo registrar sua identidade, abrindo "[...] espaço para a legitimidade do desejo do registro da memória do homem 'anônimo', do indivíduo 'comum', cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si"[11].

Os acontecimentos do cotidiano do pajador são de um sujeito histórico envolvido em combates das Revoltas Tenentistas, que não tinha o mesmo poder de decisão que os líderes das tropas, mas estava pensando e interpretando aquele momento histórico. Elaborar textos, organizar fotos, escrever diários ou cartas são ações de preservação da memória, e as motivações para tais práticas são diversas. É difícil demarcar exatamente qual era a pretensão do soldado desconhecido ao criar as pajadas, da mesma forma que não se tem uma única possibilidade para o ato de guardar de Ernesto. No entanto, é notável a intencionalidade de ambos em deixar registradas marcas de suas trajetórias enquanto soldados. Artières destaca que:

> "O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo"[12].

Se o soldado pajador não pode determinar o que será dito sobre o "eu" a partir de seus versos, ao menos interviu nesse processo deixando parte de sua vida registrada. Sem esse documento, suas vivências se perderiam no tempo. A criação das pajadas e o registro de Ernesto estenderam traços de si daqueles homens para que pudessem ser consultados na atualidade. Narrar a própria vida sugere a ilusão de escolher como seria lembrado. As pajadas são parte do processo de criação de identidade em que o soldado se apresenta compondo um grupo cujos valores centravam-se na bravura e coragem, e carregavam a missão de manter a ordem no Brasil. Esses valores são atribuídos a si próprio nos versos. Ernesto, por sua vez,

11 GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGH, 2004, p. 13.

12 ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n 21, 1998, p. 29. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pd f Acesso em 2de fevereiro do 2020.

guardou os documentos de quando serviu ao Exército. A esse período de sua vida, relegou o mérito de ser guardado.

Analisar o Caderno de Anotações exige diferenciar dois momentos de sua construção. O caderno que pertencia a Ernesto assume caráter privado, pois as anotações de códigos militares e instruções aos soldados destinaram-se à sua formação. Não se identifica a pretensão explícita de construir uma autobiografia, embora a compilação de texto deixe marcas de sua trajetória. Já o conteúdo das pajadas indica a alternância da dessa parte da fonte entre seu caráter público e privado. Há que se lembrar que para Ernesto acessá-las, em algum momento foram públicas, mesmo que isso se refira a compartilhá-las com um soldado. A exaltação aos "bravos filhos do pampa" defensores da pátria destoa das críticas à hierarquia militar, bem como a reflexão quanto à condição de soldado raso. Essa divisão coincide com o início dos enfrentamentos armados. Contudo, provavelmente os trechos contendo críticas mais ásperas possivelmente não foram expostos diante de seus superiores. O pajador deixa pistas de sua intenção em ser lido, visto que em alguns versos aparece expressões como "amado leitor", "conto agora aos leitores" ou "falo agora aos colegas de farda".

O documento pessoal é de fato encantador. Essa palavra, em sua conotação positiva, inspira a olhar para outras nuances da história. Os sentimentos que permeiam os indivíduos, as sensações que passaram para o papel realmente trazem consigo uma impressão de verdade. E esse encanto diante dos registros pessoais pede atenção[13]. Regina Moreira trata desse aspecto dos documentos pessoais :

> "[...] o encanto dos documentos pessoais tem a sua especificidade, e ela poderia ser batizada de 'a ilusão da verdade'. A ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem trazer. [...] as novas tendências historiográficas tem buscado constantemente dar vida à história: dar cor e sangue aos acontecimentos, que não acontecem 'naturalmente', mas são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo. Nesse sentido, os documentos pessoais nos permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles 'nossos' atores aparecem de forma fantasticamente 'real' e 'sem disfarces'. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na 'intimidade' de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos"[14].

[13] Para consultar uma discussão apurada sobre a ideia de verdade em escritos autobiográficos ver BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral.* 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 2002.

[14] MOREIRA, Regina L., Os diários pessoais e a (re)construção histórica. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.17, 1996, p. 6. Disponível em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1160. Acesso em 2 de fevereiro de 2020.

Assim como Artière (1998) e Gomes (2004), Moreira destaca a busca da historiografia recente por documentos pessoais, não apenas produzidos pelas elites, mas por homens comuns, como é o caso do documento estudado. Conforme Moreira, há elementos dos sujeitos históricos que são mais visíveis em relatos pessoais: os sentimentos, as ideias, auto-representações. Esses elementos podem presumir uma certa verdade implícita nos documentos, provocando o encantamento. Os documentos pessoais demandam rigor analítico tal qual outras fontes. Presumir um teor de verdade superior ao de outras fontes é de fato uma ilusão. A diferença de documentos pessoais com outras tipologias de fontes reside na sensibilidade característica desses escritos. Quem escreve e guarda memórias cria uma narração que pode ter vários objetivos, como ser lembrado a partir do que elege importante, contar a história a seu modo, deixar exemplo aos familiares, etc. Todavia, é certo que

> "O objetivo do registro memorialístico atende a necessidades objetivas e psicológicas do indivíduo, sendo algumas delas praticamente inalcançáveis. O interesse do historiador, ao tomar essas lembranças como fonte de estudo, quase nunca coincide com aqueles objetivos: ao invés de seguir o curso interno de uma coerência que vai enlaçando os acontecimentos, o historiador caminha em sentido inverso. Ele se detém quando possível nessas 'laçadas', a fim de proceder à análise e elaborar um ponto de vista igualmente novo: escrever um outro texto orientado pelo dizível e indizível das lembranças, que têm uma natureza plena de segredos"[15] .

Mais que os segredos que ficam em meio ao espaço entre o significado de um texto para seu autor e a interpretação do leitor, há ausência de informações sobre o vínculo entre o soldado pajador e Ernesto. O elemento comum mais notável entre eles é a condição de soldado raso. Contudo, é na observação da diversidade de ideias contidas nas pajadas e na complexidade da própria trajetória da fonte que o documento se torna mais instigante para a história. Ernesto e o soldado pajador nada tem de imparciais ao constituírem suas memórias, o uso do conhecimento de fazer pajadas ou da linguagem escrita são modos de expressar ideias e de elaborar as experiências enquanto militares. Em suas memórias, a opção por registrar opiniões e compartilha-las na forma escrita consiste em uma maneira de imprimir marcas de si no tempo. Ernesto e o soldado desconhecido talvez entendessem que "[...] as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem"[16]. Desse modo, as anotações são compreendidas como materialização intencional de suas memórias através do ato de produzir as pajadas e o Caderno de Anotações.

15 MALUF, Marina. *Ruídos da Memória.* São Paulo: Siciliano, 1995, p. 45.
16 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990, p. 80.

"Façamos a alma de bronze que o tempo é de rebeldia": as percepções do pajador na condição de soldado

Conforme exposto anteriormente, existe uma demarcação temática interessante de se observar nas pajadas. O soldado desconhecido passa por dois momentos de sua escrita: os dias em que "marchavam em busca do inimigo", repleto de entusiasmo e idealizações, e quando inicia os enfrentamentos, evidenciando a fragilidade da situação em que se encontrava. Do período de deslocamento em direção ao Paraná os obstáculos para atravessar o "sertão" são evidenciados. Na época, o oeste catarinense e paranaense estavam em fase de colonização, por esse motivo a tropa passava abrindo caminhos pelas matas até encontrar um local apropriado para montar acampamento e descansar. Aliás, uma das reclamações recorrente do soldado desconhecido era o pouco tempo de parada que faziam. Alguns estrofes falam do momento em que o soldado vivia e seus sentimentos, conforme o trecho a seguir:

> "Como é saudosa a vida
> Em lugar desconhecido
> Distante de quem se ama
> Distante do lar querido!
>
> A vida aqui no Sertão
> Não tem nada de atraente,
> Vai a noite e vem o dia
> E não ha o que inspire a gente"[17]

Apesar do entusiasmo em defender a pátria, a monotonia que antecedeu os combates e os sentimentos como a saudade por estar longe de seu lar impactaram o soldado. Diante dele, avistava os dias passando em meio ao sertão sem que nada lhe acontecesse. Quanto ao período de conflitos, a coragem e a bravura dos soldados legalistas rio-grandenses aparece em destaque, expressando a identidade gaúcha por meio da desqualificação do inimigo. Ao descrever as batalhas, o texto do soldado desconhecido corrobora para a construção da identidade de soldado gaúcho. Seu grupo é composto de heróis defensores da pátria, enquanto o "outro" é caracterizado como desordeiros que atrapalhavam o desenvolvimento de uma nação civilizada. Com os frequentes conflitos, passou a criticar seus superiores e as condições em que se encontravam os soldados, destoando da postura submissa e de respeito a hierarquia recomendada na formação dos militares.

[17] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 26.

No caso das pajadas, a forma de linguagem é uma maneira de narrar, além de sua época, também de sua região. Pela fonte que se têm, é Ernesto quem conserva essa linguagem oral em sua forma escrita, e o faz em uma época em que as taxas de analfabetismo eram altas, o que por sua vez o diferencia enquanto sujeito histórico. Os documentos oficiais, por exemplo, são construídos com a consciência de que podem ser lidos, não necessariamente por um historiador que lança suas perguntas ao passado, mas porque o registro tem sua finalidade prática no período em que é elaborado e geralmente destina-se à algum leitor. Já quem produz relatos pessoais, como Ernesto e o pajador, embora o faça com suas intenções, nem sempre tem ideia de quem serão seus destinatários. Dos vestígios da fonte, o trecho a seguir indica que o pajador dirige sua fala aos demais rio-grandenses. Nos versos sobre a partida de Alegrete, afirma:

> E quando algum sucumbir
> Nesses combates frementes
> Que ao menos saiba o Rio Grande
> Que os seus filhos são valentes[18]

Os versos acima enaltecem o papel dos soldados rio-grandenses que defenderam a pátria, ressaltando a valentia com que se portariam num contexto de guerra. Essa análise pressupõe que esse trecho possa ter sido declamado em algum momento de parada da tropa. A elaboração da narrativa em forma de pajadas expressa um traço marcante da cultura gaúcha, expressando uma criação e também diálogo com a identidade do gaúcho riograndense. Paul Ricoeur, ao tecer considerações sobre o trabalho da memória, explica que

> "No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada a constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação"[19] .

Tomando a narrativa do soldado desconhecido como suas memórias, mesmo sem poder afirmar exatamente quais foram as condições de produção[20], há implícita a construção

18 Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 39.

19 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, p. 98.

20 Ainda que o conteúdo das pajadas instigue a pensar que foram criadas ao longo de suas vivências entre 1924 e 1925, é possível que haja reelaboração, ao menos parcial, no processo de transferência dessas memórias para o Caderno de Ernesto.

de identidade. Seu grupo não era composto de simples soldados, estes são representados enquanto "bravos filhos do pampa", portanto, soldados cujos valores gaúchos lhes instigavam a defesa da nação. A "configuração narrativa" carrega consigo significados de uma cultura em que os elementos trabalhados pelo pajador são privilegiados. O gaúcho, caracterizado em outras produções como o homem que percorria os campos do pampa a cavalo, tem sua identidade reforçada com a vinculação que o pajador fez dessa imagem com a postura de defensores da pátria. Por isso, mesmo que tenha conferido espaço a críticas e reflexões sobre as condições dos soldados, a bravura atribuída aos riograndenses foi o tema mais recorrente. Num dos versos, o pajador adverte:

"Mas... não ponderemos mais isto
Que pode ser covardia
Façamos a alma de bronze,
Que o tempo é de rebeldia

Querem violar o regimento
De uma nação civilizada!
Pois que se impunha o canhão,
E a baioneta calada!...

Não nos pese sobre os ombros
A mochila e o fuzil
Até que retorne a paz
Ao nosso caro Brasil"[21]

Ao menos discursivamente, a defesa da nação se sobrepôs às adversidades. O esforço imensurável daqueles soldados e o uso da violência contra os inimigos ganhavam legitimidade pela ideia de manutenção da ordem. Na expressão "façamos a alma de bronze", há uma clara referência ao filósofo Platão, que classifica a organização da polis em alma de ouro, de prata e de bronze. Aos de alma de bronze cabia a subsistência da polis. Os soldados gaúchos são, metaforicamente, os trabalhadores que efetivamente garantiam a ordem.

Findada a monotonia da espera pelos combates, o pajador aponta para a impossibilidade de registrar tudo o que acontecia no seguinte trecho:

"Tudo que alli se passou
Não pode a penna escrever
Porque a bala de canhão
No sertão chega a gemer"[22]

21 Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 41.
22 Caderno de anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p.59.

Ao mesmo tempo que admite a impossibilidade do relato totalizante, seu discurso utiliza uma justificativa para essa limitação. A fala do narrador se faz no sentido de expressar que a fonte produzida não era capaz de registrar tudo, e sua pena, tendo ela sentido literal ou figurado, uma vez que o texto escrito que temos acesso foi registrado por Ernesto, era interrompida pela luta armada. Os documentos pessoais deixam lacunas assim como qualquer outro registro. O problema da parcialidade do relato e da não totalidade acompanha os documentos pessoais, assim como ocorre com documentos oficiais, entrevistas, jornais ou outras fontes de pesquisa.

Considerando os elementos mencionados no que diz respeito à memória seletiva, cabe lembrar que os silêncios do soldado desconhecido são reveladores e podem, bem como os registros, suscitar interpretações. As disputas políticas entre revoltosos e o governo de Arthur Bernades não são mencionadas, o que pode vincular-se à própria formação militar que recomendava a subserviência. Conforme análise empreendida sobre as instruções militares contidas no Caderno de Anotações e recebidas no Exército, a formação dos soldados voltava-se para "a luta em honra à pátria" e não para que questionassem os rumos da política nacional. Pressupõe-se que, tendo servido num período próximo, a formação militar do soldado desconhecido e de Ernesto deva ter sido semelhante. Enquanto soldado legalista o pajador foca a narrativa no seu cotidiano de combatente sem demonstrar preocupação com o posicionamento ideológico revolucionário. e mesmo nesse contexto, não se eximiu em criticar a hierarquia e a precariedade das condições oferecidas aos soldados. Sendo assim, essa análise considera "[...] menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios: não só o discurso, mas igualmente sua aridez ou até ausência"[23] .

Outra característica do conteúdo das pajadas é que elas se referem à vida militar e não pessoal, e a ênfase em suas representações como soldado oculta qualquer informação sobre a família ou mesmo sobre as atividades que exercia antes de entrar para o Exército. Talvez, essa opção em escrever especificamente sobre sua vivência militar revele a preocupação em registrar o que acontecia naquele recorte de tempo, sendo este um período em que o soldado não teve contato com familiares. Tomando como parâmetro a cultura popular da região do pampa, os versos provavelmente foram feitos para ser declamados em momentos de

[23] FOISIL, Madeleine. A escritura de foro privado. In.: CHARTIER, Roger. (org.). *História da Vida Privada:* da Renascença ao Século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 331.

sociabilidade. Ou seja, havia a preparação desses versos para um determinado público, e por isso o que seria dito considerava o público receptor, e o que não foi dito também.

Sobre essa tradição do uso de pajadas, Rafael Hagemeyer escreve que ao longo do século XIX as pajadas foram utilizadas nas guerras civis na Argentina, o que demonstra o diálogo do pajador com esse universo cultural. Hagemeyer afirma que

> "É verdade que ela não servia para ser executada no momento da batalha guerra, sendo mais apropriado para essa ocasião um hino ou grito de Guerra. No entanto, essa modalidade era bastante apropriada para contar os detalhes da luta, glorificando seus líderes e seus feitos heroicos. Em meio aos acampamentos militares, o pajador se fazia ouvir com canções, quando o *gaucho* encontrava tempo para carnear, tomar mate e contar histórias"[24].

O soldado pajador, a exemplo do que é relatado na citação acima, usou seus versos para glorificar os heróis, principalmente os mortos na guerra e heróis rio-grandenses a serem honrados. E conta detalhes de como se deram as batalhas, ou até, como num verso citado anteriormente, justifica a impossibilidade de contar tudo o que acontecia. O "fazer-se ouvir" elucidado por Hagemeyer é um dos pontos principais para se analisar o discurso do soldado pajador. Apesar das evocações ao leitor, considerando ressalvas das possíveis alterações no texto feitas na transferência dessa produção para o Caderno de Ernesto, seria ingênuo pensar que as pajadas, que parte da tradição oral, tenham sido somente escritas. Tomando essa estrutura narrativa como espaço de exposição de ideias, Hagemeyer aborda a relação entre cantar e opinar na pajada.

> "Como se vê, não há distinção na pajada entre 'cantar' e 'opinar'. O pajador sempre tem uma opinião, e seu prazer maior é demonstrá-la, através de histórias e argumentos. Ele o faz cantando, por considerar que esta é desta maneira que ele consegue se expressar de forma mais clara – mais bonita. Por isso, poderíamos dizer que o pajador é um professor sem escola, que ensina o que a vida lhe deu por experiência. Além disso, ele ensina cantando – e canta na língua do povo"[25].

Escrever poesias e cantá-las, caso além de ser revelador de características culturais, faz pensar aspectos artísticos dessa prática. As pajadas do soldado em estudo são construídas a partir de elementos culturais daquele sujeito, e também da relação desse indivíduo com seu

---

24 HAGEMEYER, Rafael Rosa. El gaúcho sin pátria: a canção anarquista na Argentina. *Anos 90,* Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p, 96. Disponível em http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6614. Acesso em 22 de junho de 2010

25 HAGEMEYER, Rafael Rosa. El gaúcho sin pátria: a canção anarquista na Argentina. *Anos 90,* Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p, 97. Disponível em http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6614. Acesso em 22 de junho de 2010

meio. Tanto a cultura gaúcha quanto a condição de soldado raso aparecem claramente nas pajadas. A qualidade argumentativa e das rimas, as referências a intelectuais como Platão e Dante de Alighieri, assim como o desenrolar dos acontecimentos narrados levam a supor que aquelas não eram os primeiros versos feitos pelo soldado e que ele possuía erudição. Em contrapartida, parece ser a primeira vez que participava de um conflito armado. Como seriam as outras pajadas feitas por ele? Que temas permanecem após a experiência da guerra? São perguntas para as quais não se tem respostas pontuais. O que parece, baseando-se na análise de temas recorrentes em pajadas, é que permanece a figura do herói gaúcho, que ganha um papel ainda mais destacado em meio à guerra. O combate a Coluna Paulista foi, portanto, um contexto oportuno para acomodar a identidade do gaúcho nas pajadas, afinal, encontrava correspondência na realidade para os elementos constitutivos daquela identidade.

O pampa, delimitado partindo dos princípios geográficos, abrange parte do Brasil, da Argentina e Uruguai. No caso das pajadas do soldado, o fato do pampa ultrapassar as fronteiras geográficas e haver semelhanças culturais nessa região não indicam busca pela identificação com toda a região, apenas com o pampa rio-grandense. De qualquer forma, a construção da sua identidade contemplou esse território, embora isso não seja uma oposição à ideia de nação que se construía na época por outros intelectuais. Ser daquele lugar era compatível com defender os interesses do Brasil.

Além de gaúcho, o pajador era um soldado, e enquanto tal recebia formação no Exército voltada para a criação de um sentimento de patriotismo e para que assumisse a postura de defensor da pátria. Pensando a proximidade do período em que ingressaram no Exército, o pajador e Ernesto tiveram formação parecida. Nas instruções recebidas por Ernesto, os trechos anotados afirmando que o soldado, para cumprir sua missão, deveria abrir mão da família e até da vida. Inserido num território de cultura gaúcha e com a formação militar, o soldado pajador criou uma identificação com o seu grupo a partir dos valores dados a ele como importantes, mas associando esses valores com a identidade dos gaúchos do pampa, conforme na estrofe abaixo:

> "Que saiba a terra do Pampas
> Essa gleba legendaria.
> Que aqui nada nos abate
> Nessa campanha ordinaria"[26]

[26] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, pg. 39.

Ao longo das pajadas, o espaço geográfico está vinculado às características dos soldados. Por ser do pampa, nada os abate, e sua terra deve saber disso, numa alusão aos demais riograndenses que partilhavam dessa identidade. O campo de batalha, lugar privilegiado de construção identitária, contém alguns elementos combinados que contribuem para isso, como ter um inimigo comum e fazer parte de determinado grupo. Em outros contextos, não foi necessariamente um campo de batalhas – no sentido literal das palavras - que criou identidades, mas a afirmativa faz sentido para essa análise ao pensar que a identidade pressupõe a presença do outro, e esse imagem criada em torno do outro será bem mais áspera e consistente quando se esta disputando com ele a vida. A alteridade, nesse caso, encontra subsídios sem depender exclusivamente de fatores ideológicos.

Através a alteridade, o pajador define quem é o soldado gaúcho do pampa que luta pela pátria. O "outro" é o bárbaro, incivilizado. O pajador e os demais gaúchos de sua guarnição assumiriam uma postura de responsabilidade pela defesa da ordem, dever que cabia aos soldados gaúchos justamente pelos valores atribuídos a eles, pela mesma ideia que norteou a identidade reafirmada nas pajadas. Os elementos que compõe a imagem que se forma do gaúcho são utilizados, a imagem de guerreiro (criada pelas lutas na demarcação de fronteiras) ligando a identidade regional com a defesa da pátria que é a nação. O trecho abaixo é um exemplo de como o gaúcho do pampa é representado nas pajadas:

"Mas o gaucho riograndense
filho de terra atrevida
Pouco conta a sorte
Pouco liga para a vida

E no dia vinte e nove
Ainda o sol ia ruindo
E os bravos filhos do Pampa
Partiam todos cantando [...]

Adeus Rio Grande querido
Adeus solo idolatrado
Que nos vamos bem distante
Honrar teu nome sagrado

E la nos campos de batalha
Ao rugir da artilharias
Seremos bravos e fortes
So para tua alegria"[27]

[27] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 23.

Inserido num conflito que tem por princípio o contexto nacional, a escrita do soldado fala de patriotismo ligando essa ideia a imagem do gaúcho do pampa. A filiação ao estado de origem do soldado, bem como a tropa a qual pertencia, será reforçada para enaltecer os valores atribuídos por ele aos gaúchos. A releitura do gaúcho enquanto homem rude – representado por um primeiro sentido que se atribuía ao termo – transforma-o em gaúcho guerreiro. O gaúcho é filho de uma terra atrevida, uma terra que no início do século XX já havia passado por vários conflitos visando a demarcação do território e por isso seus filhos estavam adaptados aos combates. Portanto, ser filho de uma terra atrevida quer dizer que o gaúcho carregava consigo a herança de bravura construída pelos antepassados, e também o compromisso em continuar lutando pela defesa da pátria[28]. E o patriotismo, nesse caso, consistia em honrar o nome sagrado do Rio Grande do Sul defendendo a manutenção da legalidade diante de um conflito de caráter nacional.

A familiaridade com os combates, a procedência dos soldados e a história de bravura da qual se consideravam herdeiros foram condições utilizadas na composição das pajadas. Sobre isso, o soldado desconhecido disse que

> "E que este povo do Sul
> Com exceção de... nenhum
> Esmera qualquer combate
> Como coisa mui comum
>
> Os bravos filhos do Pampa
> Pra cumprir seu dever
> Marcham pra campo de luta
> E nada sabem temer
>
> Sabem honrar com bravura
> Os nomes glorificados
> Os nomes inapagáveis
> Dos nossos antepassados"[29]

Nessa passagem, além das características apontadas acima, a relação entre história e construção de identidade aparece de uma maneira mais explícita, em que o soldado desconhecido busca nos antepassados nomes que devem ser honrados. Na seqüência dos versos, o autor não menciona quais seriam esses antepassados para que se pudesse aprofundar a discussão, no entanto, conforme sublinhado anteriormente, sabe-se que o Rio

[28] Ao tratar dessa construção de identidade do gaúcho como defensor da pátria, deve-se lembrar que um número significativo de revolucionários são provenientes do Rio Grande do Sul e também vão se colocar como defensores da pátria. Mas, nesse texto, será abordado especificamente a criação de identidade proposta pelo soldado pajador que lutava do lado legalista.

[29] Caderno de Anotações de Ernesto Baptista Tecchio, p. 28-29.

Grande do Sul é uma região em que houveram vários conflitos para a delimitação das fronteiras.

Os antepassados fazem parte da construção da identidade, demonstrando que recorre a memória para cooptar elementos culturais e históricos que legitimem suas ideias. As identidades não são algo estanque e fechado, mas sim espaços dinâmicos, de movimento, de transformações e tensão. Apesar dos discursos homogeneizantes, as identidades são complexas e apresentam contradições tendo características de seus espaços e tempo histórico próprios. Os relatos do pajador expressam a relação entre a tentativa da construção de uma identidade nacional e o uso que o soldado faz da ideia de pátria com base em outra identidade, a de gaúcho do pampa.

Considerações finais

O pajador, um soldado da artilharia que aos seus vinte e poucos anos usou de seu conhecimento para produzir uma narrativa sobre os conflitos entre tenentistas e legalistas no oeste paranaense permitiu o acesso às apreensões e experiências de um soldado raso sobre o combate à Coluna Paulista. O debate político que envolvia a disputa de poder no âmbito nacional não se destacou nos versos. As relações entre os soldados e o cotidiano da vida militar frente ao campo de batalhas, aliado às vivências com a cultura gaúcha sim ocuparam grande parte da narrativa.

Testemunhos como esse deixado pelas mãos de Ernesto e do soldado desconhecido contribuem para refletir sobre sujeitos históricos pouco abordados, e isso se deve não exclusivamente a postura dos historiadores, mas também a escassez de fontes que permitam trabalhos assim.